

A CARACTERIZAÇÃO DE LICURGO CAMBARÁ EM “O SOBRADO” E SUA RELAÇÃO COM A REPRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA EM *O CONTINENTE* e *O TEMPO E O VENTO*

Mateus da Rosa Pereira
FURG

Dentre os capítulos de *O Continente*, “O Sobrado” destaca-se estruturalmente por se tratar do segmento que abre e encerra o romance, sendo apresentado de forma intercalada aos outros capítulos e constituindo o tempo presente da obra. Instala-se, desde esse princípio estrutural, uma relação duplamente histórica, pois no trânsito entre “O Sobrado” e as demais partes, o passado ajuda na compreensão do presente diegético, enquanto o próprio tempo presente da narrativa (1895) é, logicamente, um tempo passado do ponto de vista do leitor, e por isso apresenta elementos composicionais históricos na caracterização dos personagens, por exemplo.

O jogo entre presente e passado sinaliza o percurso da história do Rio Grande do Sul, de 1745 a 1895, no caso de *O Continente*, e do mesmo ponto de partida até 1945, considerando a trilogia, sempre através das mudanças na família Terra Cambará. Em *O Continente*, acompanhamos a ascensão social e política da família, em harmonia com a constituição dos grupos que passaram a dominar a cena política regional e nacional do século XX, conforme explica Regina Zilberman, quando afirma que os Cambará,

de pacientes da história e das classes dominantes, passam a agentes daquela porque mudam de posição social. Por isso, se Ana Terra é testemunha do movimento das forças sociais e vítima de seus conflitos, Licurgo Cambará, seu trineto, é um dos responsáveis pela vitória de Júlio de Castilhos e pela consolidação do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) no Estado. (ZILBERMAN, 2003, p. 31)

Além de explicar a relação entre o presente e o passado que permeia o romance, a autora evidencia, nesse trecho, a importância de Licurgo Cambará para a representação da história na obra de Erico Verissimo. O protagonista de “O Sobrado” simboliza a confluência do código de valores do gaúcho, já introduzido em sua família na figura do capitão Rodrigo Cambará, e a consolidação da família Terra Cambará no poder político de Santa Fé. Assim, Licurgo encontra-se em perfeita sintonia com os valores sociais e culturais de seu tempo, os quais serão questionados, criticados e desmitificados ao longo de *O Retrato* e *O arquipélago*. Por isso, é necessário analisar a relação entre a caracterização de Licurgo e a representação da história em “O Sobrado” para melhor entender as complexas relações de significado entre a trilogia, o segmento em questão e a história, sendo uma das premissas básicas a de que *O Continente* é “a história do Rio Grande vista através da história de uma família, cuja união é, aí, sinônimo de permanência da vida e cuja corrupção decreta a falência da totalidade dos valores [...]” (CHAVES, 2001, p. 78).

Conforme nos lembra Antonio Candido, o personagem de ficção depende menos de seus supostos referentes reais que de uma organização formal singular e concreta da obra em questão:

originada ou não da observação, baseada mais ou menos na realidade, a vida da personagem depende da economia do livro, da sua situação em face dos demais elementos que o constituem: outras personagens, ambiente, duração temporal, ideias. Daí a caracterização depender de uma escolha e distribuição conveniente de traços limitados e expressivos, que se entrossem na composição geral e sugiram a totalidade dum modo-de-ser, dum existência. (CANDIDO, 2009, p. 75)

Portanto, justamente para nos concentrarmos na caracterização de Licurgo, precisamos atentar não para seu personagem de forma isolada, mas pelo contrário, para suas relações com os outros elementos composicionais do romance. Afinal, ainda segundo Antonio Candido, “o entrosamento nesta [estrutura novelística] é condição fundamental na configuração da personagem, porque a verdade da sua fisionomia e do seu modo-de-ser é fruto, menos da descrição, e mesmo da análise do seu ser isolado, que da concatenação da sua existência no contexto” (CANDIDO, 2009, p. 78).

A caracterização de Licurgo Cambará é realizada quase que exclusivamente de forma indireta, através dos pontos de vista de outros personagens, como Maria Valéria e Florêncio, e das reflexões e ações do próprio Licurgo. O protagonista de “O Sobrado” é caracterizado como um homem orgulhoso e teimoso, pois insiste em não pedir trégua aos inimigos para que Alice, prestes a dar à luz, e Tinoco, ferido a bala na perna, sejam atendidos pelo doutor Winter. Sua atitude pode ser explicada porque é norteadada pelo ódio que nutre contra Alvarino Amaral, inimigo histórico dos Terras Cambarás cuja família esteve relacionada às mortes do capitão Rodrigo, seu avô, e de Bolívar, seu pai.

Embora um pedido de trégua nessas circunstâncias fosse militarmente aceitável, o orgulho e a teimosia de Licurgo encontram justificativa em outro âmbito que não o da guerra, mas sim o da rivalidade histórica entre as famílias Amaral e Terra Cambará pela disputa de poder em Santa Fé. Neste ponto já podemos observar como Erico Verissimo ajusta o foco da narrativa sobre os extremos em conflito – de um lado, o chefe político Federalista, Alvarino Amaral, e de outro, Licurgo, junto ao qual o narrador realmente se posiciona. Consoante às análises de Georg Lukács em *O romance histórico*, esse posicionamento do narrador junto a um dos lados do conflito possibilita evidenciar como o momento de crise política impactou o cidadão comum, renunciando, assim, a uma representação romântica da história somente centrada nos feitos de grandes heróis (por exemplo, cf. LUKÁCS, 1983, p. 24 e 34).

Além disso, o fato de Licurgo antever a estratégia de Alvarino Amaral para forçá-lo a pedir trégua demonstra a identificação de um com o código de conduta do outro. Apesar de encontrarem-se em lados opostos da guerra e da luta política, a reciprocidade do seu ódio e principalmente o compartilhamento de um código de conduta implícito demonstram o quanto ambos estavam de acordo com o funcionamento da engrenagem social vigente.

Florêncio alude à teimosia e ao orgulho de Licurgo neste trecho no qual o protagonista de “O Sobrado” se aconselha com o sogro, que diz:

- Que importa o que eu penso? Vassuncê sempre faz o que entende. Sou um homem ignorante mas conheço bem as pessoas. Tenho visto muita coisa nesta vida. Acho que vassuncê pode estar procedendo bem como chefe político, mas está procedendo mal como chefe de família.
- Cada qual sabe muito bem onde lhe aperta a bota.
- A sua aperta no amor-próprio – pensa o velho. Mas cala. (VERISSIMO, 2004a, p. 35)

Embora Florêncio não tenha a coragem ou o ânimo para dizer a Licurgo o que realmente pensa dele, Maria Valéria o faz em uma discussão muito significativa entre os dois para a caracterização de Licurgo:

- Ouça o que lhe digo. Ainda há tempo de salvar o Tinoco.
- Milhares de homens têm morrido nesta revolução por causa de suas ideias. A vida duma pessoa não é tão importante assim. Há coisas mais sérias.
- O seu orgulho, por exemplo. (VERISSIMO, 2004a, p. 200)

Além do código de valores do gaúcho e da rivalidade histórica com a família Amaral, a teimosia de Licurgo tem suas origens na história da família Terra, o que sugere que Licurgo incorpora a continuidade de traços que passam de geração em geração. Em “Ana Terra”, vemos dois exemplos de tal continuidade. O primeiro ocorre quando Ana, apesar de discordar do pai em muita coisa, mas principalmente na decisão de sair de Sorocaba para viver no Continente, reconhece o que herdou dele em seu jeito de ser: “E agora ela tinha enterrado o irmão e ali estava, sem casa, sem amigos, sem ilusões, sem nada, mas teimando em viver. Sim, era pura teimosia. Chamava-se Ana Terra. Tinha herdado do pai o gênio de mula” (VERISSIMO, 2004a, p. 162). O segundo caso ocorre quando Ana e o filho já estão há alguns anos em Santa Fé e a mãe surpreende-se com o que constata: “Mas espanto maior ainda lhe causara a descoberta que aos poucos fizera de que, embora fosse a imagem viva do pai, o rapaz tinha herdado o gênio do avô: era calado, reconcentrado e teimoso. Engraçado! Maneco Terra e o homem que ele mandará matar agora se encontravam no corpo de Pedrinho” (ibidem, p. 175). Assim, a caracterização de Licurgo evoca um sentido de história familiar através das continuidades e descontinuidades em relação aos seus antepassados.

Em “O Sobrado”, o alimento e a munição se escasseavam e cada vez que Licurgo tinha que enfrentar Maria Valéria, diretamente, e Florêncio e Laurinda, indireta e silenciosamente, sentia-se mais próximo do fracasso familiar, o preço que temia ter de pagar pelo êxito político. Essa culpa é traduzida em sua caracterização, de forma brilhante, no peso cada vez maior que sente em seus pés com o desenrolar da ação. Quanto mais “finca pé” em seus ideais, mais perde sua mobilidade, pois se esvaem as forças. Ao saber que sua filha nascera morta, “Suas botas pesam como ferro no soalho” (VERISSIMO, 2004a, p. 100), e ao lado de Alice, “De pé junto da cama Licurgo está imóvel como que chumbado ao chão” (VERISSIMO, 2004a, p. 205).

Outras características peculiares de Licurgo Cambará são o constrangimento com relação às suas emoções e a dificuldade de chorar, que estão diretamente ligadas a implicações machistas, como na passagem em que reflete sobre o nascimento da filha: “A comoção sobe-lhe do peito à garganta, como uma onda quente e sufocante, e ele tem de fazer um grande esforço para reprimir as lágrimas. Um homem bem macho não chora nunca, haja o que houver” (VERISSIMO, 2004a, p. 33). Em seguida, deseja aproximar-se da esposa, dar-lhe apoio, dizer-lhe palavras doces e pedir-lhe perdão (por colocar em risco sua vida e por traí-la com Ismália Caré). No entanto reprime-se e sente-se envergonhado porque tais sentimentos e desejos estariam ligados a comportamentos femininos, contrariando a identidade de macho que se esforçou para construir até então: “Licurgo, porém, continua de pé e imóvel, tolhido por um constrangimento invencível. Há gestos que nunca fez e agora é tarde para começar” (VERISSIMO, 2004a, p. 34). Ele demonstra a mesma dificuldade de chorar quando Maria Valéria anuncia que sua filha nascera morta, de forma mais dramática: “Licurgo tem a impressão de que foi baleado no peito. Estonteado, engole em seco, cerra os dentes, faz um esforço desesperado para conter as lágrimas” (VERISSIMO, 2004a, p. 99-100).

O constrangimento e o distanciamento afetivo com relação à sua esposa também são continuidades ou identificações entre Licurgo e a linhagem da família Terra. A frieza nas relações é uma constante nessa família que, em face de uma vida rude e de muitas dificuldades, acaba internalizando um pragmatismo cético e frio que se mostra no comportamento com relação aos próprios parentes, como evidencia este trecho sobre o relacionamento de Juvenal e Bibiana, após a partida de Rodrigo:

Olhou a irmã e só então viu que ela chorava de mansinho e que as lágrimas lhe escorriam pelas faces. Procurou uma palavra de consolo, mas não achou nenhuma. Podia levantar-se e ir abraçá-la, mas o acanhamento lhe impediu esse gesto. Desviou os olhos dela e murmurou:

– Não há de ser nada... (VERISSIMO, 2004a, p. 346)

Em toda a caracterização de Licurgo, os trechos que evidenciam de forma mais flagrante os valores e as crenças que compõem seu “código” são aqueles em que discute a possibilidade da trégua com sua cunhada Maria Valéria:

– Peça trégua. Diga que sua mulher vai ter um filho. Os maragatos compreendem.

– Os maragatos são uns cobardes.

A resposta vem rápida e rascante:

– Não são. O senhor sabe que não são.

Licurgo fecha-se num silêncio soturno. A cunhada prossegue:

– O senhor sabe que eles são tão bons e tão valentes como os republicanos. É a mesma gente, só que com ideias diferentes.

– Que é que a senhora entende de ideias? — vocifera Licurgo.

Maria Valéria continua imóvel.

– Não é preciso gritar. O senhor faz todo esse barulho porque no fundo sabe que não está procedendo direito.

Licurgo tira a palha da boca e amassa-a entre os dedos.

– Isto não é negócio de mulher. É de macho. (VERISSIMO, 2004a, p. 32)

O trecho acima evidencia como o radicalismo da posição política de Licurgo o cega para o fato de que a Revolução Federalista dividiu amigos, parentes e concidadãos que, apesar do posicionamento oposto, compartilhavam de mais ou menos a mesma cultura, a mesma bravura e os mesmos valores. Entretanto, esse trecho demonstra principalmente o machismo como traço norteador do comportamento de Licurgo. Uma vez que não consegue dominar a cunhada pela via lógica, através da argumentação e da razão, ele apela à sua situação de homem como a exercer um direito natural de superioridade hierárquica frente à mulher. Conforme as análises de Ligia Chiappini sobre o Dr. Rodrigo, filho de Licurgo, o legado do machismo perpassa as gerações da família Terra Cambará sendo ora traço positivo, ora negativo: “A todo momento Rodrigo será confrontado com essa herança rural e deverá provar que é macho e valente como o irmão, o pai e o avô. [...] Frequentemente essa herança é motivo de orgulho, mas muitas vezes aparecerá como freio à civilização e ao progresso” (CHIAPPINI, 2000, p. 60).

Em “O Sobrado I”, na cena de abertura de *O Continente*, em que José Lírio hesita em atravessar a praça sob a mira do Sobrado, fica claro o peso da necessidade de provar para os outros e para si mesmo que é macho, internalizado em repreensões na figura de seu pai. Exigia-se de um gaúcho bem macho um comportamento de bravura e valentia; alguém que não temesse a morte. Ao longo de todo “O Sobrado”, Licurgo demonstra saber utilizar os privilégios desse “código” do gaúcho apresentado nas primeiras páginas do romance, o que aprendeu durante sua fase de educação narrada em “A Guerra”, em que Fandango serve de mentor a respeito das lides do campo e dos valores que norteiam a vida do gaúcho enquanto sua avó trata de monitorar seu comportamento para assegurar a soberania da família Terra dentro do Sobrado. Mais velho, participando da cavalcada, assunto do capítulo “Ismália Caré”, no grupo dos mouros, Licurgo demonstraria o quanto já havia internalizado tal código ao comentar o grupo dos cristãos:

Os cavalos dos cristãos tinham colas trançadas e amarradas com fitas azuis e brancas. Para Licurgo todo aquele aparato era vaga e repulsivamente feminino. Só por isso – concluiu ele – Alvarino merecia levar uns pranchaços de espada das paletas.

– Moçada linda! – exclamou um dos mouros. (VERISSIMO, 2004b, p. 334)

Esse último comentário de um dos membros do grupo dos cristãos, em desacordo com o preconceito de Licurgo, funciona como uma ressalva do narrador, evidenciando que nem todos partilhavam do mesmo machismo, embora fosse o código vigente.

Ainda a respeito da relação entre Maria Valéria e Licurgo, importa observar que, apesar de confrontá-lo de forma veemente, como demonstra o referido trecho, fica implícito em “O Sobrado” que a cunhada não pretende em momento algum subverter a ordem social e cultural que move a engrenagem do mundo retratado no romance, como podemos perceber em sua reflexão quando Licurgo desce ao porão para enterrar a filha:

Laurinda pergunta:

– Se vosmecê é herege por que é então que reza no oratório?

– Porque acho que existe um Deus. Um Deus que às vezes nem bom é. Mas existe, governa o mundo, como um chefe, como um...

Como Licurgo – pensa ela, terminando a frase no pensamento. Um Deus mandão, orgulhoso, absurdo, que às vezes odiamos, outras vezes amamos, e a cujas ordens sempre acabamos obedecendo, por bem ou por mal. (VERISSIMO, 2004a, p. 204)

Ao comparar Licurgo a um Deus que apesar de tudo temos de obedecer, Maria Valéria deixa claro que também se identifica com o código de valores machistas de Licurgo. Maria Valéria não pretende subverter o *status quo* que organiza as relações sociais de sua época, apesar de achá-las muitas vezes injustas. Suas discussões com Licurgo, portanto, não passam de momentos isolados de questionamento crítico, movido pela razão específica de garantir a saúde da irmã.

A tensão no relacionamento entre Maria Valéria e Licurgo também tem suas origens desde antes do casamento dele com Alice, pois ao tentar esconder que o ama, a cunhada se torna mais ríspida e grosseira do que normalmente seria. Em “Ismália Caré”, Bibiana faz uma referência indireta sobre a amante de Licurgo, dirigida ao neto, levando Maria Valéria às seguintes ações e reflexões:

Desconcertada diante da observação de d. Bibiana, tratara de afastar-se do grupo, para que ninguém lesse em seu rosto que ela sabia do caso de Licurgo com Ismália. Passara todo o tempo do almoço esforçando-se por não olhar para o primo. Que gostava dele, era uma verdade que só admitia com relutância. Morreria de vergonha se alguém viesse a suspeitar desses sentimentos que em vão procurava ocultar até de si mesma. Temendo trair-se, chegava a tratar Curgo com aspereza, dando muitas vezes aos outros a impressão de que lhe queria mal. (VERISSIMO, 2004b, p. 321)

O trecho acima também sugere uma possibilidade de interpretação das atitudes da cunhada de Licurgo em “O Sobrado”. Talvez sua insistência em remediar Alice, a ponto de querer sair à rua em busca de ajuda e possivelmente ser morta a tiros pelos federalistas, estivesse ligada a sentimentos de culpa e remorso por amar o marido da irmã. Tal interpretação encontra paralelo nas atitudes de Antero, narradas em “O Sobrado VI”, em que ele se dispõe a ir procurar o dr. Winter no lugar de Maria Valéria porque se sente culpado por ter cuspidido no rosto do doente Tinoco, e assim queria se redimir através da boa ação.

Ao refletir sobre suas atitudes ao longo da trajetória de ascensão política em Santa Fé, através do Partido Republicano, Licurgo expressa um sentimento de autopiedade que sugere outro traço de sua caracterização: “e de súbito Licurgo começa a sentir, como em tantas outras vezes desde que começou o cerco de sua casa, a impressão de que foi vítima duma terrível, colossal injustiça” (VERISSIMO, 2004b, p. 172). Suas atitudes, por mais tiranas que pareçam a outros personagens e principalmente aos leitores de nosso tempo, eram, na opinião de Licurgo, norteadas pelo desejo de fazer o bem ao seu povo e à sua cidade. Essa reflexão é significativa por demonstrar

a sinceridade de suas atitudes, por mais cruéis que pudessem parecer. O sentimento de injustiça que lhe acomete revela que o machismo, a honra, o orgulho, etc. por ele exercidos, não eram valores apenas seus, mas sim da sociedade em que estava inserido. Isso não significa, entretanto, que todos os personagens masculinos do romance ajam rigorosamente de acordo com tais valores. Quer dizer apenas que tais valores faziam parte do funcionamento daquela sociedade e que Licurgo encontrava-se em harmonia com tal funcionamento e tal código.

A sinceridade expressa durante a Revolução Federalista difere em muito dos acontecimentos narrados em “Ismália Caré”, cujo assunto histórico é a manumissão dos escravos de Licurgo e de outros senhores, trecho em que podemos observar a inconsistência entre o discurso e as atitudes do protagonista. Embora constituam o centro da atenção do Clube Republicano, representado por Licurgo e Toríbio Rezende, é interessante que os negros não possuem voz nem papel ativo na trama, sendo apenas objeto de discussões e lutas ideológicas entre monarquistas/liberais e republicanos. Aliás, enquanto Toríbio discursa sobre a história da escravidão, momentos antes da entrega dos títulos de manumissão, os escravos permanecem o tempo todo no lado de fora do Sobrado, no quintal, o que também indica seu verdadeiro lugar na narrativa. Entretanto, em vez de atribuir essa característica ao mau tratamento do assunto histórico pelo romancista, vale ressaltar que tal “indiferença” narrativa está em completa harmonia com a caracterização de Licurgo, que se esforça em representar para os outros e para si o papel do verdadeiro republicano e abolicionista, mas que, em seu íntimo, tem preocupações e valores bem divergentes.

Durante o referido discurso de Toríbio sobre a escravatura desde seus primórdios até o marco histórico que aquela data simbolizaria, Licurgo presta pouca ou nenhuma atenção à palestra do colega. Em vez disso, ocupa-se em observar a noiva e relembrar a briga com Alvarino, secretamente comemorando a hombridade e o teor de idade adulta que seu ferimento representava. Após a entrega das cartas de manumissão:

Licurgo mandou erguer as vidraças. Estava meio decepcionado. Esperara durante meses por aquele instante e no entanto ele não lhe trouxera a menor emoção. De repente viu-se cercado por amigos que lhe apertavam a mão e o abraçavam efusivamente. Um deles gritou: “Viva o Clube Republicano! Viva o nosso correligionário Licurgo Cambará!”. Os outros gritaram em coro: “Viva!”. E começaram todos a bater palmas estrepitosamente. Os gaiteiros que estavam no vestíbulo romperam a tocar uma marcha. Licurgo, então, sentiu com tamanha e repentina força a beleza daquele instante, que estava quase a rebentar em lágrimas. Foi com esforço que se conteve. Entregou-se passivamente àqueles braços, alguns dos quais chegavam a cortar-lhe a respiração. Não ouvia as palavras que lhe diziam. Só sabia que aquele momento era glorioso, raro, grande. Com um gesto de suas mãos tinha dado liberdade a mais de trinta escravos! Lá fora estava acesa uma grande fogueira ao redor da qual os negros – agora homens livres, felizes e dignos – iam dançar, cantar, comer e beber! (VERISSIMO, 2004b, p. 355)

Erico Verissimo emprega uma ironia de alto nível no trecho acima, demonstrando que Licurgo não estava buscando a concretização dos ideais republicanos e a abolição da escravatura; ao contrário, buscava o reconhecimento e a promoção pessoal, sendo a manumissão apenas um meio para alcançar esse fim.

Assim, essas observações a respeito da caracterização de Licurgo demonstram sua perfeita identificação com o funcionamento da engrenagem de sua sociedade, o que já é um indício da relação entre sua caracterização e a representação do passado no segmento “O Sobrado”. Como afirma Lukács sobre a mesma característica nos romances de Walter Scott, trata-se de conferir “uma dimensão humana a um tipo social e histórico” (LUKÁCS, 1983, p. 35). Isto é, a caracterização de Licurgo como personagem prosaico, com vários defeitos e algumas qualidades, confere maior

realismo à concepção do passado em “O Sobrado” por aproximar o protagonista do mundo do leitor, já que se trata de um exemplo mediano da sociedade gaúcha, patriarcal e machista do final do século XIX, com seus defeitos e preconceitos, sem idealizações. Tal caracterização está longe de ser romântica, pois não exalta as qualidades e feitos heroicos do personagem. Pelo contrário, Licurgo é um cidadão mais ou menos comum, que simboliza o ponto de vista Republicano de um conflito político muito mais amplo, que foram os anos de consolidação da República após sua proclamação. Também consoante às análises de Lukács acerca das figuras centrais dos romances de Scott e da sua renúncia da caracterização romântica (cf. LUKÁCS, 1983, p. 35), Licurgo, como protagonista de “O Sobrado”, talvez não seja tão interessante aos olhos dos leitores por não gerar uma identificação positiva, mas do ponto de vista composicional ele é essencial, pois funciona como um centro gravitacional em torno do qual os principais acontecimentos do enredo se desenrolam e personagens secundários interessantíssimos circulam, muitas vezes até mais interessantes que ele próprio (basta lembrarmos de Maria Valéria e Fandango).

Através da caracterização de Licurgo, portanto, podemos acompanhar o desenrolar de um conflito social da sua época. Ao apresentar o protagonista com qualidades e defeitos, como um cidadão que não é considerado acima da média pelos outros personagens, Erico ajusta o foco de sua representação histórica no plano coletivo, e não no indivíduo. Por mais que possa parecer contraditório, é justamente o retrato de como a história afeta a família Terra Cambará de forma individual que permite ao leitor ter uma ideia de como o passado se desenrolou como uma pré-condição do nosso presente.

A relação do protagonista com o processo histórico pode ser observada de forma bastante direta nos trechos em que o personagem reflete sobre as vozes do futuro: “Um dia alguém dirá: Nasceu numa noite fria de junho, quando o Sobrado estava cercado pelos federalistas. Quando o dia clareou, as tropas republicanas libertaram Santa Fé” (VERISSIMO, 2004a, p. 33); “Outra vez as vozes do futuro em seus pensamentos. ‘Nasceu numa madrugada de junho de 1895. Uma moça guapa. Os olhos são dos Terras, mas o gênio é dos Cambarás’” (VERISSIMO, 2004a, p. 34); “Licurgo fica pensando em Aurora. As vozes do futuro agora são fúnebres: ‘Coitadinha. Nasceu morta naquela noite horrível’” (VERISSIMO, 2004a, p. 100); “num outro tempo, e vozes cochicham nas ruas: ‘Aquele que ali vai é o coronel Licurgo Cambará. Uma fera! Na revolução de 93 os maragatos cercaram o Sobrado, mas ele não se entregou. Sacrificou a filha, a mulher, os amigos, mas não afrouxou. Uma fera!’” (VERISSIMO, 2004b, p. 172). Essas reflexões, que fazem referência a um tempo futuro no qual as pessoas falariam do cerco ao Sobrado, têm no mínimo dois papéis a desempenhar na composição do segmento. Primeiro, elas demonstram que Licurgo tinha consciência de que estava sacrificando sua família por uma causa política, e que, por isso mesmo, a glória se mistura com o remorso em suas projeções. O segundo papel dessas reflexões é o de demonstrar a consciência que Licurgo tem de ser um agente da história, também de acordo com o que preconiza Lukács a respeito da nova consciência da participação histórica que forneceu as bases para o surgimento do romance histórico exemplificado na obra de Scott (cf. LUKÁCS, 1983, p. 23-24). No futuro, as pessoas lembrariam o que aconteceu durante o cerco, inclusive com detalhes de seu comportamento, portanto sua preocupação não é exatamente com o futuro, senão com a sua entrada para a história.

A entrada de Licurgo para história, tanto no sentido da realização de um desejo do personagem como no sentido composicional do romance, oficializa-se quando, ao final do cerco, ele envia um telegrama a Júlio de Castilhos:

Tenho a honra comunicar Vossência Santa Fé acaba ser libertada. Após vários dias de cerco minha residência onde resisti com grupo valerosos leais correligionários, inimigos abandonaram cidade aproximação bravas forças republicanas Cruz Alta. Viva o Partido Republicano! Viva o Rio Grande! Viva o Brasil! (VERISSIMO, 2004b, p. 398)

As vozes do futuro deixam de ser apenas desejo e pensamento para se transformarem em um telegrama que simboliza o seu passe legítimo para entrar na história do Rio Grande do Sul. Esse ponto também marca o enlaçamento perfeito do romance com a história oficial, aí representada pelo personagem de Júlio de Castilhos. O fato de Júlio de Castilhos aparecer apenas no segundo plano da composição do romance, enquanto os personagens principais são todos ficcionais, apenas reforça a representação do processo histórico do ponto de vista coletivo, através de seus efeitos sobre a família Terra Cambará, também de acordo com as análises dos romances de Scott por Lukács (cf. LUKÁCS, 1983, p. 39). Assim, tanto mais realista se torna o retrato do passado em “O Sobrado” quanto menos o foco narrativo recair sobre as figuras conhecidas da história oficial do Rio Grande do Sul. A forma como Erico ficcionaliza tal processo possibilita que o leitor vivencie como se deu o próprio movimento histórico, começando no cotidiano do cidadão comum e marchando em direção às lideranças históricas oficialmente conhecidas.

Essa identificação de Licurgo com as mudanças sociais que marcam o processo histórico de sua época é exatamente o que vai se perdendo ao longo de *O tempo e o vento*, principalmente na caracterização de seu filho, Rodrigo Terra Cambará, em *O retrato e O arquipélago*. Assim, Licurgo encarna a legitimação da ascensão política e social da família Terra Cambará, que a partir de então entrará em um processo de declínio análogo a um movimento mais amplo da sociedade retratada no romance. Por isso, Erico Verissimo:

foi capaz de chegar à desejada fidelidade histórica e de conferir um sentido ao período representado, sentido que se corporifica nas personagens do romance. Quem as lê, entenderá melhor a época – ou, no caso, as épocas, já que O Tempo e o Vento abrange, em O Continente, o processo de formação da classe dirigente; e, em O Retrato e O Arquipélago, o da tomada, e subsequente perda, do poder – e provavelmente, seu próprio lugar na cadeia histórica. (ZILBERMAN, 2003, p. 137-138)

Também é possível traçar uma relação entre a trajetória de degradação e decadência do doutor Rodrigo e o contexto de produção, principalmente de *O Continente* e de *O Retrato*, já que “Erico, a escrever *ex-post* a ascensão e queda do Estado Novo, há mais perdas em jogo, e também há um peso maior do passado, daí uma linha de tragédia que acompanha a história. O velho pode comprometer o surgimento do novo, os vermes do passado devoram o embrião” (PESAVENTO, 2000, p. 37).

A caracterização de Licurgo em “O Sobrado” por si só já fornece algumas pistas sobre o tipo de representação da história projetado por Erico Verissimo. Entretanto, tal caracterização pode realmente contribuir para a compreensão do projeto que caracterizou *O tempo e o vento* quando comparada ao personagem de Floriano Cambará, seu neto. Tal comparação não é arbitrária, mas necessária, caso contrário a análise ficaria restrita a um nível da composição, enquanto o próprio romance assume outro nível, quando descobrimos que Floriano é o narrador de toda a trilogia. Em outras palavras, esse caráter circular ou concêntrico de *O tempo e o vento* obriga qualquer análise a considerar o fato de que as caracterizações nele passam pelo ponto de vista desse personagem-narrador. Por isso, o romance passa da “observação da sociedade para a problematização das individualidades implicadas e daí para uma reflexão sobre a História em busca do sentido que a justifique” (CHAVES, 2001, p. 103-104). Quando o ponto de vista do narrador se encontra com o de Floriano, torna-se explícito o seu projeto de revisitar de forma crítica o passado de sua família e de seu povo. Isso remete o leitor ao início da narrativa, exigindo a revisão e o rearranjo das relações de significado na obra e entre a obra e a história sob esse viés crítico. Nesse movimento circular, no qual o final do romance remete ao seu início, Licurgo encarna os valores que Floriano pretende questionar: a honra, o orgulho e o machismo.

É a partir dessa perspectiva crítica sobre o passado que Erico Verissimo almejou representar duzentos anos da história do Rio Grande do Sul. Esse projeto mais amplo (re)estrutura a teia de significados em jogo em *O tempo e o vento* e justifica o caráter antiépico da obra. Como bem explica Flávio Loureiro Chaves:

Floriano é uma personagem situada a meio caminho dos valores de Ana Terra e dos valores do Capitão Rodrigo; nesta passagem, termina por aderir ao contexto humano das mulheres, tornando-se talvez a única personagem masculina a agir assim. Considerando-se que ele é um alterego do autor [...] e o próprio personagem/narrador da ação, fica evidente o caráter antiépico de *O tempo e o vento*. O autor, adotando o ângulo da sua personagem, encampa a abjeção à violência; ao fazê-lo, coloca sob arguição o código ético do espaço retratado e, assim, oferece uma possibilidade para que se defina a verdadeira natureza do romance. Alheio ao espírito épico, em cujos termos deveria celebrar-se um acordo entre o indivíduo e o seu meio social, *O tempo e o vento* reescreve a História do Rio Grande sob o ângulo de uma personagem que a interpreta criticamente e, por isso, vem a ser a extensão mais profunda da crítica social esboçada no flagrante da burguesia de Caminhos cruzados e no diagnóstico do patriarcado rural de Música ao longe. (CHAVES, 2001, p. 98-99)

Nesse contexto de reescritura da história, a caracterização de Licurgo funciona em *O tempo e o vento* como exatamente aquilo que deve ser questionado na cultura do gaúcho. Por isso, embora Licurgo se identifique com seu meio social e com os conflitos sociopolíticos de sua época, não configura personagem épica. Primeiro, porque suas ações não são consideradas grandes feitos humanos pelos outros personagens. A resistência ao cerco só é considerada um grande feito por ele mesmo (talvez), enquanto a maioria dos outros personagens, como Maria Valéria, Florêncio e Laurinda, ao atribuírem o padecimento dos doentes do Sobrado a Licurgo, não reconhecem nele um personagem acima da média. Segundo, porque ao encarnar a honra, o orgulho e o machismo que constituem o código de valores do gaúcho, ele também representa a violência, típica de regimes totalitários, que Erico Verissimo deseja denunciar em sua representação da história. Nas palavras de Flávio Loureiro Chaves:

a visão essencialmente antimachista do escritor orienta o discurso para um ponto que está longe de coincidir com uma perspectiva épica no que diz respeito ao acordo com o código guerreiro do mundo observado. (CHAVES, 2001, p. 97).

De forma semelhante ao movimento concêntrico característico de *O tempo e o vento* como um todo, associado ao papel de Floriano como narrador e ao final do romance, que remete a um recomeço, “O Sobrado” também estabelece com os outros segmentos de *O Continente* relações análogas, que sinalizam a estrutura espiral do romance. Enquanto a cronologia avança, alguns acontecimentos narrados ao longo dos segmentos que intercalam “O Sobrado” fazem referência à sua trama, assim produzindo relações de significado que contribuem para a concepção de história da obra. Dessa maneira, os outros capítulos não só elucidam os personagens e as suas ações em “O Sobrado”, mas também oferecem uma leitura do desenvolvimento da história através de algumas repetições e alguns paralelismos.

Em “Um certo Capitão Rodrigo”, temos dois exemplos de tal relação. Em “O Sobrado”, a vitória política e bélica de Licurgo representa ao mesmo tempo perdas significativas no âmbito pessoal e familiar – principalmente com as mortes da filha ao nascer e do sogro. Em “Um certo Capitão Rodrigo”, o protagonista é bem-sucedido ao tomar o casarão da família Amaral, o que significa a virada política de seu clã no microcosmo de Santa Fé. É a partir desse ponto que a família Terra Cambará de fato começa a se estabelecer como detentora do poder político na cidade, devido ao declínio do poder dos Amarais. Entretanto, tal fato implica na morte de Rodrigo, no luto de Bibiana e em dois filhos criados sem a presença do pai. Outro exemplo de paralelismo narrativo diz respeito especificamente às mortes das filhas tanto de Licurgo como de Rodrigo estarem, de

alguma forma, ligadas ao mau comportamento de seus pais. Enquanto Rodrigo jogava compulsivamente na casa de Chico Pinto, morria Anita, filha do casal. Embora o capitão talvez nada pudesse fazer para salvá-la, esse é o momento de maior vileza sua na narrativa, o que remete à morte da filha de Licurgo sem que este nada faça também para socorrê-la. Fugindo da visão progressista da história, segundo a qual o mundo avança sempre para melhor e de forma linear, Erico deixa implícito nesses paralelismos narrativos o comentário de que, de 1835 a 1895, alguns comportamentos – como colocar os interesses políticos e do código de honra do gaúcho acima do respeito pela vida e do amor à família – não necessariamente se tornam melhores com o passar do tempo, e que a história pode ter movimentos de progresso e retrocesso, além de repetições de erros em meio a avanços custosos.

Em “A teiniaguá”, temos mais um exemplo que evidencia esta concepção de que a história pode se repetir e que às vezes retrocedemos em vez de avançar. Quando Bolívar e Luzia voltam de sua viagem a Porto Alegre por causa da peste, a Câmara Municipal, por sugestão do coronel Bento Amaral, ordena que o Sobrado fique em quarentena por receio de contaminação da população. Essa situação evoca o paralelismo com o cerco narrado em “O Sobrado”. Neste segmento, enquanto a revolução acontece fora do casarão, lá dentro outra guerra se passa em torno do que fazer com relação ao nascimento de Aurora, filha de Licurgo. Em “A teiniaguá”, enquanto ocorre a quarentena, dentro do Sobrado Bolívar é consumido aos poucos por causa do ciúme e do orgulho ferido pelo comportamento da suposta traição de Luzia em Porto Alegre e por tomar consciência do comportamento doentio de sua esposa. Acaba transferindo suas frustrações e angústias para a quarentena e sai de pistola em punho, desafiando os capangas do Coronel Amaral, sendo por fim morto em frente a sua casa. A grande diferença entre os dois trechos narrativos é que, no primeiro, a família Terra Cambará amargura a derrota política e familiar, enquanto em “O Sobrado” é a família Amaral que é arrebatada, tendo que fugir da cidade.

Além de evidenciar que o poder passou de uma família para outra, esse paralelismo também leva a uma comparação entre Licurgo e seu pai, Bolívar. Deixando de lado por um instante o contexto mais amplo que envolve a luta entre republicanos e federalistas, podemos observar que Licurgo logrou a vitória e a consolidação do poder municipal porque soube desempenhar um comportamento aprendido ao longo de sua infância e adolescência, sob a tutela de sua avó Bibiana, que não obteve o mesmo êxito com seu filho Bolívar. Enquanto este era sensível ao sofrimento dos outros – basta lembrar o caso do enforcamento do negro Severino – e disposto a se entregar ao amor de sua esposa, colocando tal amor acima de qualquer outro interesse, Licurgo foi criado conscientemente por sua avó para dirigir o Sobrado e a família com braço forte, o que também o levou a reproduzir tal comportamento no âmbito político, fora do Sobrado, e à detenção do poder público municipal. Tudo isso serve para observar que a rusticidade de Licurgo quando comparado com seu pai Bolívar é o que garante a sua vitória política, embora complique ainda mais as suas relações pessoais e familiares. Mais uma vez, o romance demonstra que à medida que o clã Terra Cambará aumenta o seu poder no microcosmo do Sobrado e de Santa Fé, mais se degradam os relacionamentos da família. A representação da história que tal retrato sugere, logicamente, é tingida pelo retrocesso e pelo pessimismo.

Norteados pelos horrores da Segunda Guerra Mundial no plano internacional e pelo fracasso do Estado Novo no plano nacional, Erico Verissimo compõe um retrato da história que objetiva criticar o sequestro das liberdades pressuposto na violência e no totalitarismo desse código que Licurgo encarna. A ligação entre o machismo, a violência e o totalitarismo, que norteiam as caracterizações e a representação da história em *O tempo e o vento*, foi consolidando-se no escritor Erico Verissimo desde muito antes da escritura do romance. Em *Solo de Clarineta*, Erico atribui a hombridade do pai ao código machista que mais tarde iria nortear as caracterizações de personagens

como o capitão Rodrigo, Rodrigo Terra Cambará e Licurgo, entre outros: “Creio que é importante observar que, mesmo nos piores momentos de sua vida, Sebastião Verissimo nunca perdeu o seu penacho e – para usar duma palavra muito de seu gosto e uso – a sua ‘hombridade’” (VERISSIMO, 1987, p. 52). Na composição dos personagens masculinos, Erico se alimentou das memórias da infância e adolescência sobre como era importante para seu pai desempenhar o papel de gaúcho macho, apesar de deixar de resolver problemas tão básicos como dívidas e família. Talvez essa fonte explique não só a problematização desses personagens masculinos em *O tempo e o vento*, mas também a riqueza da caracterização, realista ao extremo por apresentá-los sempre cheios de contradições.

Loureiro Chaves analisa como a representação da história em *O tempo e o vento* está intimamente ligada a dois personagens homônimos, o capitão Rodrigo Cambará de *O Continente* e o doutor Rodrigo Cambará de *O Retrato* e *O arquipélago*. O autor afirma que a degradação da família Terra Cambará e dos valores por ela defendidos coincide com o esvaziamento da caracterização heroica do capitão Rodrigo:

na medida em que avança cronologicamente a narrativa o que de fato se conta é a lenta degradação do primeiro Rodrigo Cambará no segundo (...) De qualquer maneira este segundo Rodrigo Cambará não passa dum simulacro do antepassado que desmente, assim, a duração e a autenticidade do “código de honra” que sustentara o velho guerreiro” (CHAVES, 2001, p. 101).

O autor conclui que a trilogia expressa uma “profunda descrença no curso da História, eis que ela veio a traduzir-se na fileira de desastres que convergem para o dismantelamento dos Cambarás” (CHAVES, 2001, p. 109). A análise da relação entre o capitão Rodrigo e o doutor Rodrigo demonstra a necessidade histórica da ruína da sociedade patriarcal e machista, e, por constituir uma trajetória de ruína, é uma visão pessimista da história. Ainda assim, “enquanto no nível episódico a História avança numa sequência de desastres, no nível simbólico o texto busca restaurar, na criação destas personagens, na manutenção da sua escala de valores, o universo primordial que existiu algum dia antes da corrupção dos Cambarás” (CHAVES, 2001, p. 109).

Se esse for o caso na relação entre o Capitão Rodrigo e o doutor Rodrigo, a trajetória de Licurgo a Floriano, diferentemente, constitui o lado ao mesmo tempo crítico e otimista da representação da história em *O tempo e o vento*, pois, enquanto questiona e problematiza os valores de seus antepassados, Floriano está se caracterizando como personagem sensível às dificuldades da vida democrática em sociedade, demonstrando maior respeito à vida e à liberdade dos outros. Entretanto, para Floriano, o ato de debruçar-se sobre o passado de sua família e de seu povo não se torna nostálgico nem romântico. O movimento que Erico atribui ao papel do machismo como traço constitutivo do gaúcho é exemplar. No personagem do Capitão Rodrigo, o machismo é pouco problematizado no nível diegético, cabendo ao leitor quase toda a função da crítica. Já na caracterização de Licurgo, o mesmo traço é questionado no nível diegético, principalmente por Maria Valéria, levando a conflitos e tornando-se um elemento mais explícito e um princípio ativo na trama. Com Floriano, tal característica assume um papel tão importante que é, de uma só vez, um dos maiores alvos da sua revisão crítica do passado de sua família e de seu povo – o machismo como um dos principais pilares do autoritarismo caudilho e da violência no âmbito das relações interpessoais – e um dos elementos problematizadores em sua relação conturbada com o pai, o doutor Rodrigo. Assim, trabalhando de forma consciente nos níveis cultural e histórico, Erico historiciza o machismo da cultura gaúcha na caracterização de seus protagonistas, evitando uma representação nostálgica ou romântica.

Portanto, a ordem social e o respectivo código de valores, que se degradam com o desenrolar de duzentos anos de história, demonstram a necessidade de sua ruína para a emergência de uma nova ordem, essa representada por uma ótica menos machista, violenta e totalitária, nos níveis pessoal, social e político. A perspectiva crítica de Floriano ao conceber Licurgo deve fornecer as bases para entendermos a necessidade histórica da falência do mundo representado por Licurgo. Digo que essa é uma visão otimista porque prevalece a ótica humanista e pacifista do personagem-narrador, anunciando um novo tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et al. (Org.). *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva: 2009. p. 51-80.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Verissimo: o escritor e seu tempo*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001.
- CHIAPPINI, Lígia. Campo e cidade em *O retrato*. In: PESAVENTO, Sandra J. (Org.). *Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000. p. 49-72.
- LUKÁCS, Georg. *The Historical Novel*. Trad. Hannah e Stanley Mitchell. Lincoln e Londres: Universidade do Nebraska, 1983.
- PESAVENTO, Sandra. A temporalidade da perda (Leitura de *O retrato*, de Erico Verissimo). In: _____ (Org.). *Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000. p. 31-48.
- _____. Fronteiras e intertextualidade em *O Continente*, de Erico Verissimo. In: CHIAPPINI, Lígia et al (Org.). *Pampa e cultura: de Fierro a Netto*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/IEL, 2004. p. 109-128.
- VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento*, parte I: O Continente I. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a.
- _____. *O tempo e o vento*, parte I: O Continente II. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004b.
- _____. *Solo de Clarineta: memórias I*. 20. ed. São Paulo: Globo, 1987.
- ZILBERMAN, Regina. O romance histórico – teoria e prática. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). *Lukács e a literatura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 109-139.